

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI

GABRIELA NASCIMENTO VALETE

**O PAPEL DA LEITURA NA SOCIEDADE: UMA PROPOSTA DE
ANÁLISE DA OBRA *FAHRENHEIT 451***

**TERESINA
2023**

GABRIELA NASCIMENTO VALETE

**O PAPEL DA LEITURA NA SOCIEDADE: UMA PROPOSTA DE
ANÁLISE DA OBRA *FAHRENHEIT 451***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras-Inglês da Universidade Estadual do Piauí como requisito parcial à conclusão do curso, sob a orientação da Prof. Esp. Paulo Mota Filho.

**TERESINA
2023**

FOLHA DE APROVAÇÃO

**O PAPEL DA LEITURA NA SOCIEDADE: UMA PROPOSTA DE
ANÁLISE DA OBRA *FAHRENHEIT 451***

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APROVADO EM ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Paulo Mota Filho
Presidente

Profa. Dra. Maria Eldelita Franco Holanda
Membro

Prof. Esp. Mário Eduardo Pinheiro
Membro

Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor (FREIRE, 1987).

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por me dar força e sempre está ao meu lado e em meu coração. Ele sempre me mostrou que consigo ultrapassar meus limites e os obstáculos da vida; com isso, sempre busquei cruzar meus caminhos e aprendi a ter esperança e confiança para ir além.

À Universidade Estadual do Piauí, tenho também minha eterna gratidão, por ter sido o meio ao qual me proporcionou uma educação tão completa.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha educação, pois foram eles que me ensinaram tudo o que sei hoje; ensinaram-me a ler, a escrever, a pensar e a conhecer o mundo que me cerca. Sobretudo, gostaria de agradecer a Prof^a. Ma. Lina Maria Santana Fernandes que foi a minha principal inspiração para cursar Inglês, aos professores da minha banca, o Prof. Esp. Mário Eduardo Pinheiro e a Prof^a Dra. Maria Eldelita Franco Holanda, o professor Esp. Paulo Mota Filho, meu orientador, e a Prof^a Dra. Marlia Socorro Lima Riedel, o que eu aprendi com todos eles, foi fundamental para a conclusão deste trabalho.

Agradeço também aos meus amigos, os poucos que estiveram ao meu lado e não me deixaram desistir. Eles me apoiaram quando precisei, me incentivaram quando desanimei, me deram força para não desistir e me ajudaram a alcançar meu objetivo. Além disso, quero expressar meu muito obrigado a Paulo Freire, cujos ensinamentos sobre educação e leitura foram fundamentais para a conclusão deste trabalho. Como ele mesmo disse: “A educação é a prática da liberdade” (1968). Foi com esse pensamento que me motivei para realizar meu trabalho.

Por fim, mas não menos importante, quero agradecer a Gabriela Valet de 2018 que com toda a sua determinação iniciou o Curso de Letras na Universidade Estadual do Piauí. Ela teve medos. Com essa mensagem ecoando dentro de mim, me mantive firme, consegui superar os obstáculos e com dedicação finalizar meu Trabalho de Conclusão de Curso.

RESUMO

Este trabalho acadêmico tem como objeto de estudo a obra distópica, *Fahrenheit 451* (2013), do autor de ficção científica e fantasia, Ray Bradbury. A referida obra discorre sobre uma sociedade, na qual a leitura de gêneros literários é terminantemente proibida, cabendo aos bombeiros a função de vigiar, e queimar livros e bibliotecas particulares. O presente trabalho teve como objetivo primordial o de se analisar a representação da leitura como forma de poder em *Fahrenheit 451* (2013). Os principais autores que deram suporte teórico para a pesquisa foram Candido (1989), Todorov (2021), Koch e Elias (2006), Freire (2001) e Freire (2003), Zipes (2008) e Weller (2010). A pesquisa apresenta um caráter do tipo bibliográfico, descritiva-analítica, com abordagem qualitativa, pois através dos extratos retirados de *Fahrenheit 451* (451), uma das hipóteses confirmada foi a leitura como uma forma de poder que é imprescindível para que as pessoas não sucumbam à alienação como ocorreu na sociedade autoritária da específica obra de Ray Bradbury visto que, mesmo com toda a opressão algumas pessoas não deixaram de cultivar a experiência introspectiva que a leitura proporciona.

Palavras-chave: *Fahrenheit 451*; leitura; poder; consciência;

ABSTRACT

This present paper has as its research subject the dystopian *Fahrenheit 451* (2013), by the science fiction and fantasy author, Ray Bradbury. The aforementioned masterpiece discusses a Society in which the Reading of literary genres is strictly prohibited, and firefighters are responsible for monitoring, incinerating books and private libraries. The fundamental goal of this paper was to analyze the representation of Reading as a form of power in *Fahrenheit 451* (2013). The main authors who provided theoretical support for this research were Candido (1989), Todorov (2021), Koch and Elias (2006), Freire (2001) and Freire (2003), Zipes (2008), and Weller (2010). This academic paper presents a qualitative study of a bibliographical and descriptive-analytical research, because through the extracts taken from *Fahrenheit 451* (2013), one of the confirmed hypotheses was Reading as a form of power that is essential, so that people do not succumb to alienation as it took place in that Society that was governed by authoritarian state created by Ray Bradbury, even though some people did not fail to cultivate the introspective experience and consciousness that reading provides.

Keywords: Fahrenheit 451; Reading; Power; Consciousness.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 -	28
Quadro 02 -	29
Quadro 03 -	30
Quadro 04 -	31
Quadro 05 -	32
Quadro 06 -	34
Quadro 07 -	35
Quadro 08 -	36
Quadro 09 -	38
Quadro 10 -	39
Quadro 11 -	40
Quadro 12 -	41
Quadro 13 -	42
Quadro 14 -	43
Quadro 15 -	44
Quadro 16 -	45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 TERRITÓRIO <i>FAHRENHEIT 451</i>.....	15
2.1 A literatura.....	17
2.2 A leitura.....	20
2.3 A educação e a leitura: o papel de transformação.....	21
3 METODOLOGIA.....	25
3.1 Tipo de Pesquisa.....	25
3.2 Amostra.....	25
3.3 Técnica de Coleta de Dados.....	25
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

A obra *Fahrenheit 451* (2013) é um romance de ficção científica e uma obra distópica escrito pelo autor norte-americano Ray Bradbury (1920-2012). Nesta narrativa, publicada em 1953, os bombeiros exercem uma função diferente do seu papel tradicional: eles são responsáveis por queimar os livros. Em uma sociedade autoritária, os cidadãos são proibidos de terem tais objetos em suas residências e quem desobedece a essa exigência é punido com a queima deles e em situações extremas pessoas são queimadas também. Essa atitude está envolta de um posicionamento ideológico em que a leitura se configura como uma grande ameaça.

No livro de Bradbury, o protagonista é um bombeiro chamado Guy Montag, um homem casado e que se sente feliz com a sua vida, até conhecer uma jovem chamada Clarisse. Ela é curiosa e questionadora, tendo uma perspectiva muito diferenciada com relação ao mundo ao seu redor. Quando Guy passa a dialogar com ela por acaso, ele acaba por perceber algumas coisas que até então não via, tornando-se um indivíduo mais consciente da sua condição alienada quanto bombeiro. *Fahrenheit 451* (2013) apresenta o ato de queimar livros pelas autoridades, mais que isso como uma opção genuinamente válida para um maior controle sobre os cidadãos, que assim estarão mais alienados e incapazes de questionar o que acontece ao seu redor.

Nesse sentido, se compararmos aos dias atuais, isso está muito próximo da nossa realidade, considerando que, embora não existam bombeiros incendiadores de livros, não é interesse de alguns governos opressores formar cidadãos que tenham plenas condições de buscar o conhecimento, e, em razão disso, as pessoas estão cada vez mais alienadas, consumistas e acreditando em tudo que é apresentado não somente pela televisão, mas sobretudo pela *internet*, ambiente de proliferação das famosas notícias falsas e isso provoca graves consequências, tais como: a violência, que leva a falta de credibilidade nas instituições democráticas. A leitura possibilita reflexão e transformação social, o que faz da leitura “o elemento principal no desenvolvimento da consciência crítica, o que resulta na formação de uma geração questionadora” (SILVA, 1998, p. 8).

Dessa forma, para que isso possa ser mudado, o ato de ler, o acesso ao conhecimento e a educação tornam-se armas poderosas para que os indivíduos possam conscientizar-se das problemáticas existentes. Bradbury trouxe com bastante precisão uma reflexão sobre o principal elemento do enredo: o livro. Neste aspecto, ele é um objeto desprezível, considerando que os personagens em *Fahrenheit 451* (2013), alienados pelos grandes televisores em suas casas, esqueceram a importância da leitura e o poder das palavras.

Assim sendo, o livro como representante do mundo cultural, capaz de fazer com que as pessoas questionem sua condição, foi substituído por uma crença em um progresso técnico altamente desenvolvido. Nesta nova realidade, as pessoas se esqueceram completamente de valores básicos relacionados à vida, tais como: as emoções, a capacidade de contemplar a natureza, pensar e refletir sobre a condição humana, dentre outros. Isso não significa que não existam mais pessoas que creiam no poder do livro. A partir deste entendimento, surge a seguinte pergunta norteadora: Qual o papel da leitura na obra *Fahrenheit 451* (2013)? A problemática gira em torno de uma preocupação em como a Literatura é capaz de explorar assuntos que lhe dizem respeito, sendo o papel leitura entendido como um agente transformador e político.

A narrativa aqui estudada se tornou um grande clássico da Literatura, por abordar um contexto absurdo, uma vez que os livros são estritamente proibidos na sociedade, mas, ainda assim é possível perceber que essa obra é extremamente conectada com a contemporaneidade, uma vez que enfatiza o papel imprescindível da leitura na formação de indivíduos críticos e questionadores. Abordando o poder do conhecimento, a paixão pelos livros e como estes podem ser ferramentas de transformação social. Escrito logo após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), *Fahrenheit 451* (2013) proporciona uma grande crítica à censura que ocorreu durante alguns regimes totalitários, como por exemplo na Alemanha nazista durante o regime de Adolf Hitler (1933-1945), quando o governo censurou livros, músicas, filmes e outras linguagens artísticas.

No que concerne as hipóteses, foram levantadas três afirmações como possíveis respostas para a pergunta norteadora: 1) a leitura é apresentada como ato político; 2) o livro apresenta a leitura como uma forma de poder que é imprescindível para que as pessoas não sucumbam à alienação como ocorreu na sociedade autoritária de

Fahrenheit 451 (2013); 3) na obra de Ray Bradbury, percebendo o poder da leitura, os indivíduos tomaram o poder de sua consciência.

O objetivo geral desta investigação foi analisar a representação da leitura como forma de poder na obra *Fahrenheit 451* (2013). Essa é a ideia central que delimita a finalidade do estudo proposto.

A fim de alcançar o objetivo geral, foram estabelecidos quatro objetivos específicos: 1) apresentar uma discussão teórica sobre o poder da leitura na vida de um indivíduo; 2) descrever como a literatura apresenta a influência da leitura nos personagens; 3) contextualizar a obra *Fahrenheit 451* (2013) a partir das relações políticas e sociais com a época de sua publicação; 4) e caracterizar o impacto da leitura no personagem Guy Montag.

A escolha pelo tema e pela obra *Fahrenheit 451* ocorreu sobretudo por ser um livro que é muito rico que pode ser analisado sob várias óticas, mas o que mais chama a atenção é o fato de o romance de Bradbury retratar uma sociedade em que a leitura é uma prática proibida, e o livro consegue demonstrar a importância da inserção dos livros na vida do indivíduo, algo muito relevante e que possibilita uma maior investigação quanto ao poder da leitura.

A leitura de textos de caráter artístico ou literário possui a sutileza de provocar sensações nos indivíduos, sendo representada por histórias que recriam a realidade e, algumas vezes, proporcionam acontecimentos ligados à fantasia que é necessária para a vida humana. Dessa forma, no simples ato de ler é possível refletir e aprender através de comparações, distanciamentos e associações e a imaginação que é projetada por meio da leitura.

Todavia, a leitura de textos especialmente literários permite que o ser humano tenha contato com a sua essência, como um sujeito que possui sentimentos, e que são impactados sobretudo pela palavra escrita, em que são empregadas metáforas, figuras de linguagem e uma linguagem mais agradável esteticamente a fim de alcançar objetivos específicos; ou seja, impactar e proporcionar reflexões sobre a realidade e os diversos sentimentos que nos tornam de fatos mais humanos.

Nas palavras de Candido (1989), a Literatura age no ser humano por ser uma maneira de obter conhecimento, até mesmo como uma incorporação difusa e

inconsciente. Ao considerar a literatura como um meio para a aprendizagem, ela torna-se um objeto humanizado. De acordo com o autor, esse trabalho de agregar valor no desenvolvimento psicológico do sujeito acontece porque “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 1989, p. 117). Ou seja, a literatura propicia um papel social de formação do sujeito, uma vez que tem por objetivo exercer um papel humanizador.

Levando em conta o papel de suma importância da Literatura, é interessante analisar como a leitura é representada em *Fahrenheit 451* (2013), uma vez que nessa obra os livros assumem um plano central, responsável por desenrolar diversos acontecimentos como incêndios. Além disso, o romance contém em si uma reflexão sobre a influência dos livros na vida dos seres humanos e na sociedade.

A pesquisa está estruturada da seguinte maneira: primeiro a introdução, em seguida o desenvolvimento nomeado de Território *Fahrenheit 451*, algumas informações sobre o autor e a fortuna crítica da obra são apresentadas; em seguida, discussões sobre Literatura; depois, faz-se uma discussão sobre a leitura, logo após, bem como uma reflexão sobre o papel da educação e da leitura. A fortuna crítica de *Fahrenheit 451* (2013) se baseou nos textos de Zipes (2008) e Weller (2010). Logo, segue-se para discussões sobre o papel da leitura em Koch e Elias (2006), Freire (2001) e Freire (2003), depois a Metodologia, a Análise e discussão dos dados, e por fim as Considerações Finais.

O tipo da pesquisa é bibliográfico, tendo em vista que a fonte para a coleta de dados é a própria obra *Fahrenheit 451* (2013). Sobre o método de abordagem, esta é uma pesquisa qualitativa, pois os dados coletados foram interpretados utilizando descrições endossadas pela bibliografia selecionada. Quanto aos objetivos, a pesquisa é descritiva-analítica que consiste em descrever as características do objeto estudado, os dados desse estudo foram dezesseis trechos retirados da obra *Fahrenheit 451* (2013) que deram suporte para os objetivos geral e específico.

A seguir, discute-se as teorias que embasam a crítica sobre a obra, a importância da Literatura aspectos inerentes à leitura, a leitura e a educação e como elas podem transformar o leitor.

2 TERRITÓRIO *FAHRENHEIT 451*

Ray Douglas Bradbury nasceu em Waukegan, Illinois em 1920 (CLUTE; NICHOLLS, 1995, p.289). Os trabalhos de Bradbury incluem mais horror e fantasia que Ficção Científica. *Fahrenheit 451* (2013), sua obra mais conhecida, foi publicada em 1953.

Em seu escrito mais conhecido *Fahrenheit 451* (2013), a trama se baseia no fato de que ler é proibido no território e os livros são destruídos; mais que isso, é preciso distrair as pessoas com novas ferramentas tecnológicas e cultivar o ódio por eles. Assim, qualquer pessoa que tivesse em casa pelo menos um livro da lista dos proibidos seria condenada e sua casa incendiada.

No livro *Ray Bradbury's Fahrenheit 451: Bloom's Modern Critical Interpretations* Zipes (2008), afirma que a obra está intrinsecamente conectada com o contexto dos anos 1950 dos Estados Unidos. Toda a crise envolvendo as tensões militares na Guerra Fria (1947-1991) e na Guerra da Coreia (1950-1953), o desenvolvimento da indústria cultural, as propagandas, a violência, e a degradação das massas são relevantes para discutir ideias tanto distópicas quanto utópicas no livro.

Sendo assim, o livro apresenta os problemas oriundos dos Estados Unidos, em que Bradbury assume um posicionamento contra a degradação da humanidade, o que conforme Zipes, Montag, o protagonista, passa por um processo de recuperação da humanidade, ele afirma que: *"In the process, despite the overwhelming powers of state control through mass media and technology, he has his hero Montag undergo a process of rehumanization"*¹ (ZIPES, 2008, p. 10). Zipes é enfático ao observar que o cenário tecnológico no romance, e a supervalorização de objetos técnicos apresenta uma dicotomia entre o intelecto contra a massa, o indivíduo contra o estado (ZIPES, 2008, p.12). Conforme Zipes, no livro, o herói não é Montag, e sim a Literatura, sendo isso também enfatizado na adaptação de François Truffaut's de 1966.

¹ No processo, apesar dos poderes esmagadores de controle do estado por meio dos meios de comunicação de massa e da tecnologia, o seu herói Montag está submetido a um processo de reumanização (ZIPES, 2008, p.10, **tradução nossa**).

Em 2010, Ray Bradbury concedeu uma entrevista a Sam Weller. Weller é o autor de *The Bradbury Chronicles: The life of Ray Bradbury*. Ele palestrou pelos Estados Unidos acerca da vida e obra de Ray Bradbury (WELLER,2010,p.257). Na entrevista, que ocorreu no curso de quase uma década entre maio de 2000 e janeiro de 2010, Weller conversa com o autor sobre diferentes temáticas, artes em geral, Literatura, cinema, infância, política, fé, Ficção Científica etc. Bradbury amava diferentes manifestações artísticas, como ele mesmo afirma, quando Weller pergunta o porquê ele gostava tanto da forma de arte teatral: *“I love movies, I love poetry, I love novels, but I love theater especially because you get to know the family—all of the actors—from the very beginning, whereas in filmmaking, it’s all fragmentary* (WELLER,2010,s.p.)². Ao longo da entrevista, é possível perceber que ele tinha um grande conhecimento das artes em geral, nesse trecho ele reafirma seu amor pela poesia, pelos filmes e as novelas.

Tal fala corrobora com a ideia de que o universo de *Fahrenheit 451* (2013) apresenta um medo do autor de que essas manifestações sejam silenciadas por algum tipo de autoritarismo. É possível observar, também, a preferência dele pelo Teatro. Para ele, o Teatro é mais dinâmico, enquanto o filme é só uma impressão. Bradbury ainda comenta sobre a diferença dos livros e dos filmes:

You can change a book in your mind. Every book is like Japanese flowers that go into your head and sink down through the water inside your head and then open out. The difference between books and film is that books are unreality. They open up inside the head. They become yours. They’re more personal. Films are immediate and insistent (WELLER,2010,s.p.)³.

À vista disso, o autor reafirma seu fascínio pelos livros em detrimento dos filmes. Para ele, o fato de os livros serem irrealistas é que eles abrem a imaginação. O livro se torna íntimo e pessoal, diferentemente dos filmes que são imediatos. A respeito dessa crítica do autor, torna-se visível uma intenção de demonstrar que os livros não podem sucumbir a esse mundo imediatista, que valoriza a tecnicidade em detrimento da experiência introspectiva que a leitura proporciona.

² Eu amo filmes, poesia, romances, mas amo, especialmente, o Teatro porque se conhece a família- todos os atores- desde o começo, enquanto no cinema tudo é fragmentado (WELLER,2010,s.p, **tradução nossa**).

³ Você pode transformar um livro na sua cabeça. Todo livro é como se fosse flores japonesas que mergulham em sua cabeça e submergem dentro de sua mente e depois se abrem para a superfície. A diferença entre livros e filmes é que os livros não são reais. Eles abrem-se dentro da cabeça. Tornam-se seus. São mais pessoais. Filmes são imediatos e insistentes (WELLER,2010,s.p., **tradução nossa**).

Esse pensamento ganha forma na personagem Clarisse, que ama o mundo da imaginação e contempla momentos singelos. Ela enxerga o que ninguém mais via, ela gosta da solidão. A menina se torna um livro, assim como os intelectuais que aparecem ao final do de *Fahrenheit 451* (2013) que memorizam os livros literários. Esses personagens são de grande importância: eles representam a resistência. Eles são livros andantes, e é a partir deles que o autor demonstra a importância de se preservar a memória.

O livro sobrevive. As ideias escritas em forma de letras e códigos verbais são destruídos, mas a memória não. Montag, o protagonista, ler os livros físicos, mas em seguida conquista algo maior: ele consegue ler a realidade, interpretá-la e compreender que o que ele fazia - queimar os livros - na verdade apagava a ele mesmo como um ser pensante.

O tópico a seguir discutirá a importância da Literatura e seu caráter humanizador.

2.1 A Literatura

A Literatura trabalha com a condição humana, sendo representada através de obras em que os personagens exprimem sentimentos. A Literatura é representada sobretudo como um instrumento de criação estética, de acordo com Travaglia a Literatura é: “[...] a porta de entrada e percepção de que a língua tem uma magia: a de dar forma e existência ao que sentimos e somos, ao que as relações grupais são, ao que e como o Universo é, os universos são” (TRAVAGLIA, 2011. p. 23).

A língua tem a magia de materializar sentimentos, pensamentos, lugares e dar forma à mundos imaginários, uma proeza humana de caráter criativo. De acordo com Zilberman (1989), um texto literário não deve ser visto apenas como um elemento da história cronológica, visto que isso não significa ver a arte na história. Assim, o leitor deve se atentar aos aspectos do período histórico em que a obra foi produzida, sua função social e sua ação no tempo.

A partir disso, a literatura é um instrumento que permite o despertar de inúmeros sentimentos e desejos nos seres humanos. Ela permite aproximar o ser humano com sua

essência que é algo inerente a todo sujeito. Conforme o linguista e filósofo Tzvetan Todorov a literatura exerce tem um papel vital na vida das pessoas, ele afirma que:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. A literatura tem um papel vital a cumprir, mas para isso é preciso tomá-la no sentido amplo e intenso que prevaleceu na Europa até fins do século XIX e que hoje é marginalizado, quando triunfa uma concepção absurdamente reduzida do literário (TORODOV, 2021, p.76).

Ainda que a literatura e a arte poética tenham relação ao que é agradável para o ser humano e seja associado a imaginação e a criatividade, é importante enfatizar um elemento fundamental que a define: o contexto tanto histórico quanto social em que o produtor se encontra inserido e do qual carrega suas impressões. Essa conexão com a realidade é o que concebe a transformação de um texto literário em um documento que permite o estudo da história, da filosofia, da educação e da sociedade como um todo.

De acordo com Lacapra (1985), a literatura converge com o que faz parte da realidade, visto que há nos textos uma troca dialógica com um passado, procurando, muito além de uma visão apenas documental para considerar outras questões que não são palpáveis. Através da leitura de um livro, por exemplo, é possível determinar uma reflexão com o passado que vai muito além de respostas para os problemas, mas que permite uma aproximação por meio da capacidade de se colocar no lugar do outro, ou seja, a empatia:

A literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que consideram prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (CANDIDO, 1989, p. 113).

É perceptível os inúmeros benefícios que a literatura faz na realidade dos seres humanos, permitindo a sua incorporação de uma maneira bastante eficaz, visto que uma simples leitura de uma obra literária está repleta de significados. Além disso, a leitura de

textos de caráter artístico ou literário possui a sutileza de provocar sensações nos indivíduos, sendo representadas por histórias que recriam a realidade e, algumas vezes, proporcionam o contato com situações relacionadas à fantasia que é necessária para a vida humana. Dessa forma, no simples ato de ler é possível refletir e aprender através de comparações, distanciamentos e associações, além da imaginação ser projetada por meio da leitura.

De acordo com Candido (1989), a literatura age no ser humano por ser uma maneira de obter conhecimento, até mesmo como uma incorporação difusa e inconsciente. Ao considerar a literatura como um meio para a aprendizagem, ela torna-se um objeto humanizado. Conforme o autor, esse trabalho de agregar valor no desenvolvimento psicológico do sujeito acontece porque “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 1989, p. 117). Ou seja, a literatura propicia um papel social de formação do sujeito, uma vez que permite exercer um papel humanizador.

Ao afirmar que a literatura é humanizadora, faz-se necessário definir o que é humanização. Dessa forma, na concepção de Candido (2004), no que diz respeito ao caráter humanizador proposto através da seguinte definição:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (CANDIDO, 2004, p. 180).

Assim, a inserção de livros, obras ou textos de caráter literário na vida das pessoas é de grande relevância, visto que o contato com esses assuntos permite uma reflexão mais aprofundada sobre os sentimentos universais da humanidade:

Pode ser uma aquisição consciente de noções, emoções, sugestões, encantamentos, mas na maior parte se processa nas camadas do subconsciente e do inconsciente, incorporando-se em profundidade como enriquecimento difícil de avaliar. As produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação que enriquece a nossa percepção e a nossa visão do mundo (CANDIDO, 2004, p. 172).

A literatura proporciona além do aprimoramento da empatia, o enriquecimento da nossa visão de mundo e a capacidade de transformação da nossa realidade, ou seja, de inspiração para tentarmos ser pessoas melhores. A vida imita a arte, e a arte imita a vida, e muitas vezes transcende as experiências humanas e, dessa forma, nossas experiências podem ser transformadas no ato de ler, ao mesmo tempo em que obtemos conhecimentos por meio das obras escritas através das experiências de outras pessoas. Na seguinte seção apresenta-se uma breve discussão sobre leitura, e sua importância para a imaginação e o caráter crítico do indivíduo.

2.2 A leitura

A leitura tem um papel de extrema relevância na sociedade, e na obra *Fahrenheit 451* (2013), o livro é um elemento fundamental na construção da narrativa, uma vez que esse objeto é capaz de exercer uma certa influência na vida das pessoas, fazendo-as questionarem a realidade e por esse motivo sua circulação acaba por ser abolida. Assim, é importante compreender quais são os benefícios da Literatura, em seguida da leitura na vida dos seres humanos.

Portanto, é através da leitura que conseguimos ter um olhar mais apurado sobre as questões que fazem parte da nossa realidade, mas também permite o desenvolvimento das percepções humanas mais próximas dos sentimentos, seja de alegria ou de tristeza. Partindo desse princípio, visto o grande valor da literatura para as pessoas, essa área deveria ser reconhecida como um meio não apenas importante, mas necessário para a humanização. Uma obra literária é a clara representação de um povo, sendo um recurso de extrema valia para a educação humana, permitindo aprimorar a sua personalidade e compreender a si mesmo como sujeito.

Considerando os inúmeros processos que são desempenhados no ato de ler e, acima de tudo, compreender um texto, a literatura assume um papel capaz de transformar a realidade do leitor e melhor prepará-lo para enfrentar as adversidades da vida. Nesse sentido, o embate entre a leitura realizada e o contraste com o contexto da realidade vivida pelo leitor permite pensar de maneira crítica sobre sua realidade e promover ações de mudanças sobre ela.

Uma obra literária possui o poder de humanização e de superação de questões problemática: “O processo de humanizar requer o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo” (CANDIDO, 1972, p. 6). Esse processo de humanização acontece, na medida que a literatura permite propiciar ao leitor uma porta de entrada para a fantasia, se deparando com situações que não são reais e que provocam o leitor a se posicionar intelectualmente.

Ainda, mesmo que os acontecimentos retratados em uma obra literária sejam acontecimentos muito distintos do que o leitor vive em sua realidade, isso faz com que ele reflita sobre o seu cotidiano e possa ter um contato com novas experiências. É por meio da leitura que o leitor se aproxima das diversas culturas, estimulando a compreender seu papel como sujeito histórico.

Assim, fica evidente os inúmeros benefícios que a literatura em si traz para a vida do ser humano, permitindo um reconhecimento do outro, da sociedade e inclusive sobre ele mesmo. Candido (1972), argumenta que a literatura tem um forte papel social e psicológico para os leitores. Todo o sujeito, em algum momento de sua vida necessita da fantasia, e, dessa forma, a literatura vem suprir essas necessidades, materializadas através de múltiplas leituras de livros e de obras literárias.

Na próxima seção apresenta-se uma breve discussão sobre leitura e educação e como esses processos impactam o leitor.

2.3 A educação e a leitura: o papel de transformação

O ato de ler está relacionado com a atribuição de significados, que são constituídos de posicionamentos e perspectivas em relação as coisas e as pessoas e também as experiências prévias de cada um. Já em uma concepção mais ampla, a leitura é uma prática tangível que exige uma relação direta do leitor com o objeto de leitura e isso pode ocorrer por meio de um signo verbal quanto não verbal. Dessa forma, o ato da leitura não é uma atividade meramente passiva (FREIRE, 1987), uma vez que o leitor tem uma participação ativa no ato da leitura, contribuindo, dessa forma, para a construção de sentido.

O leitor constrói a sua identidade através do que ler. A leitura é algo subjetivo, a troca contínua entre o leitor e o texto literário é repleta de representações linguísticas, culturais e sociais. Dessa forma, faz-se necessário entender que o ato de ler, sobretudo no que se refere a textos em linguagem verbal pode ser primeiramente definido como uma ação em que o sistema neurofisiológico assimila as informações visuais e estabelece um sentido, de acordo com a memória e o reconhecimento de signos que de maneira organizada permitem que sejam aprendidas novas informações, mas dessa vez sendo reconhecidas como processos cognitivos: A compreensão de textos envolve tais processos cognitivos múltiplos, justificando assim o nome de faculdade que era dado ao conjunto de processos, atividades, recursos e estratégias mentais próprios do ato de compreender (KLEIMAN, 1997, p. 9).

Nesse sentido, compreender um texto, seja literário ou de qualquer outro gênero textual é algo muito particular de cada sujeito. Diante desse fato, o papel do professor contribui para criar as oportunidades necessárias que possibilitem o desenvolvimento dos processos cognitivos, na medida que essas oportunidades apresentadas poderão ser melhor trabalhadas se houver um maior entendimento com relação a esses mecanismos, na medida em que sejam melhores conhecidos. Partindo dessa perspectiva, Koch, Elias (2006, p.11) pontua que “há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação.”

Visto que o ato de ler é em si um espaço de interação, Koch e Elias (2006) afirmam que a leitura é uma atividade que mobiliza saberes prévios no interior do texto, elas afirmam que:

Nessa perspectiva, o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexistia a essa interação. A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo (KOCH; ELIAS, 2006, p.11).

O texto é concebido como um espaço que dialoga com o leitor, cujos sentidos não estão explícitos, mas são construídos, considerando, dessa forma, a relação das ideias textuais que são compostas pelo autor de um texto com os conhecimentos prévios que o

leitor já possui, que, no ato de ler, assume o lugar do sujeito. Nessa perspectiva, Bakhtin (2003) afirma que toda compreensão necessita de resposta. A compreensão responsiva nada mais é que a fase inicial e preparatória para uma resposta. Nas palavras de Freire (2001), a leitura é sobretudo um entendimento do texto:

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. É que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação (FREIRE, 2001, p. 261).

Por fim, é possível perceber que para que haja a compreensão de um texto é necessário que sejam utilizados alguns conhecimentos: o prévio, estruturado, os objetivos da leitura, a materialização linguística e a coesão e a coerência. É através desse resgate de conhecimentos que se torna possível a construção de sentido em um texto que, de maneira ativa e interativa permitem que o leitor compreenda o que está lendo. Segundo Kleiman (1997, p. 20) “Quanto mais conhecimento textual o leitor tiver, quanto maior a sua exposição a todo tipo de texto mais fácil será sua compreensão.”

Considerando os inúmeros processos que são desempenhados no ato de ler e, acima de tudo compreender um texto, a literatura assume um papel capaz de transformar a realidade do leitor e melhor prepará-lo para enfrentar as adversidades da vida. Nesse sentido, o embate entre a leitura realizada e o contraste com o contexto da realidade vivida pelo leitor permite pensar de maneira crítica sobre sua realidade e promover ações de mudanças sobre ela, conforme defende Freire (2003):

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 2003, p. 11).

Sendo assim, cabe ao professor, aos pais ou aos tutores, e a sociedade como um todo não apenas incentivar e permitir aos sujeitos desde a infância a leitura completa de obras literárias, como também incentivar a leitura do mundo que os cercam, associando

assim, o que leem com o contexto em que estão inseridos, dessa forma não pautando suas aulas somente no método tradicional de ensino que muitas vezes prioriza apenas a leitura de alguns trechos de livros para caracterizá-los em períodos literários, mas também aguçar o pensamento crítico, e sobretudo dialogar o texto escrito com a realidade, o que não acontece no contexto fictício de *Fahrenheit 451* (2013).

Na próxima sessão, apresenta-se a metodologia da pesquisa utilizada para efetivar esta investigação.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de Pesquisa

No que se refere à coleta de dados, esta pesquisa é do tipo bibliográfica, pois os dados tem como fontes de pesquisa, fundamentalmente, a obra *Fahrenheit 451* (2013), de Ray Bradbury, assim como artigos, dissertações, teses com conteúdos sobre o assunto pesquisado.

Quanto aos objetivos, a pesquisa é do tipo descritiva-analítica, tendo por propósito a descrição de uma população, de um fenômeno ou acontecimento. Este trabalho acadêmico objetiva a análise dos elementos fundamentais que constituem o papel e o poder que a Literatura exerce contra as manipulações de governos estatais, contra a liberdade da linguagem e da argumentação, favorecendo assim, as reflexões e as críticas sociais nos desenvolvimentos das sociedades mundiais. Para tanto, foi feita a leitura crítica da obra a fim de selecionar os trechos mais relevantes que confirmassem o objetivo geral e específicos da pesquisa.

O método de abordagem usado foi o qualitativo, tendo-se como ponto de partida um estudo no qual o pesquisador explorou os elementos questionadores apresentados, os quais configuram os propósitos do trabalho, através da coleta de dados, envolvendo as referências que foram usadas.

A coleta de dados ocorreu entre os dias 16 de outubro de 2022 e 27 de novembro de 2022 por meio da leitura, tanto da edição em língua inglesa, quanto em língua portuguesa, da obra *Fahrenheit 451* (2013). A análise dos dados ocorreu entre 28 de novembro 2022 entre e 13 de janeiro de 2023. A amostra foi composta por dezesseis trechos retirados de *Fahrenheit 451*(2013). Por meio de uma leitura crítica, os trechos coletados demonstraram como a leitura é um meio de se libertar de um governo opressor que proíbe uma atividade imprescindível para o desenvolvimento de uma sociedade consciente da sua condição cultural e social.

3.2 Amostra

A amostra foi composta por dezesseis trechos da obra *Fahrenheit 451* (2013), para a análise dos elementos motivadores para o desenvolvimento deste trabalho acadêmico.

3.3 Técnica de Coleta de Dados

Os dados foram coletados por meio da observação direta da obra *Fahrenheit 451* (2013), de Bradbury, de onde foram extraídos. Em seguida será apresentada a análise de dados, apresentando-se os elementos necessários para a explicação e desenvolvimento do trabalho acadêmico realizado.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A pesquisa pretendeu descrever o poder da leitura na obra *Fahrenheit 451* (2013), para isso, foi feito um levantamento bibliográfico que desse suporte a ideia apresentada. A coleta de dados ocorreu entre os dias 16 de outubro de 2022 e 27 de novembro de 2022. A coleta de dados se deu através da leitura, tanto da leitura da edição em língua inglesa, como em língua portuguesa, da obra *Fahrenheit 451* (2013), de Bradbury, sendo que, através da observação das subjetividades e da não cronologia temporal das narrativas criadas pelo referido autor, surgiu o interesse e a motivação para a realização de um estudo sobre a importância e o poder indispensáveis da Literatura para a reflexão, e como ferramenta para o desenvolvimento de críticas sociais, liberdade de expressão, bem como do desenvolvimento do ser argumentativo, no desenvolvimento das sociedades mundiais. A análise dos dados ocorreu entre 28 de novembro 2022 entre e 13 de janeiro de 2023. A amostra foi composta por dezesseis trechos retirados de *Fahrenheit 451*(2013).

Posto isto, primeiramente observou-se, que a mudança no personagem Montag, e a tomada de consciência sobre a sua alienada condição, começou através do primeiro livro que leu: Clarisse. Antes de um livro físico, ele leu um livro humano, ou seja, a garota, por meio dos seus questionamentos o tirou da zona de conforto em que vivia. Em seguida, o impacto das experiências de Montag, como quando ele queimou uma leitora, e, ao conhecer Faber e os memorizadores de livros - eles representam a resistência, ou seja, uma nova forma de os livros e a leitura existirem.

Bradbury faz várias denúncias em sua obra, mas a leitura se destaca pela metalinguagem acrescida de um olhar crítico em relação a opressão, a censura, e o uso da força para eliminar manifestações artísticas.

Quadro 1: Livros em chamas***Fahrenheit 451* (2013)**

It was a pleasure to burn.

It was a special pleasure to see things eaten, to see things blackened and changed. With the brass nozzle in his fists, with this great python spitting its venomous kerosene upon the world, the blood pounded in his head, and his hands were the hands of some amazing conductor playing all the symphonies of blazing and burning to bring down the tatters and charcoal ruins of history (BRADBURY,2013,s.p.).⁴

Fonte: a autora

No quadro 1, na introdução do livro *Fahrenheit 451* o autor afirma ser um prazer queimar os livros. A partir disso, percebe-se a função inversa dos bombeiros, que se outrora era neutralizar o incêndio, nesse contexto era causá-lo. Isso porque, o livro, como um artefato cultural que leva as pessoas a questionar o sistema e se posicionar no mundo, na narrativa é um objeto indesejável, sendo, portanto, uma ameaça. É possível compreender, através do quadro 1, em que autor afirma ser um deleite ver os livros se tornando escuros e mudados “*It was a pleasure to burn* (BRADBURY,2013,s.p.)”⁵, que essa escuridão não está ligada somente aos estragos materiais feitos nos livros. Mas é, também, a escuridão causada pela alienação, o menosprezo pela leitura - esta ferramenta poderosa que consegue desestabilizar a ordem daquela sociedade. Sendo assim, os bombeiros não apagavam somente a história ao queimar os livros, mas como seres pensantes apagavam a si mesmos.

⁴ QUEIMAR ERA UM PRAZER.

Era um prazer especial ver as coisas serem devoradas, ver as coisas serem enegrecidas e *alteradas*. Empunhando o bocal de bronze, a grande víbora cuspidor seu querosene peçonhento sobre o mundo, o sangue latejava em sua cabeça e suas mãos eram as de um prodigioso maestro regendo todas as sinfonias de chamas e labaredas para derrubar os farrapos e as ruínas carbonizadas da história (KNIPEL, 2012, P.21).

⁵ Era um prazer queimar (BRADBURY,2013,s.p., *tradução nossa*).

Quadro 2: Ler é perigoso**Fahrenheit 451 (2013)**

"Do you mind if I ask? How long've you worked at being a fireman?"
"Since I was twenty, ten years ago."
"Do you ever read any of the books you burn?"
He laughed. "That's against the law!"
"Oh. Of course."
"It's fine work. Monday burn Millay, Wednesday Whitman, Friday Faulkner, burn 'em to ashes, then burn the ashes. That's our official slogan." They walked still further and the girl said, "Is it true that long ago firemen put fires out instead of going to start them?" "No. Houses have always been fireproof, take my word for it." "Strange. I heard once that a long time ago houses used to burn by accident and they needed firemen to stop the flames" (BRADBURY, 2013, s.p.).⁶

Fonte: a autora

O quadro 2 apresenta o contexto em que protagonista, Guy Montag, conhece Clarisse McClellan, uma garota de 17 anos, que diferente da maioria das pessoas daquela sociedade, enxergava a beleza do mundo e se encantava com os livros. Aliás, através dos seus questionamentos e da sua capacidade de compreender haver um grande problema ao seu redor, ela ajudará Montag a perceber a escuridão na qual ele vivia. É oportuno mencionar a parte em que Clarisse pergunta se o bombeiro não lê os livros que queima, e ele responde que é contra a lei. Esse diálogo, apresenta o papel da leitura na narrativa que não somente é algo indesejável, mas para garantir que nenhum cidadão leia, a força da lei deve cumprir seu papel de proibi-la. Por que ler livros, e problematizar a vida, se é mais fácil eliminá-los?

Os livros, substituídos por grandes televisores em casas que são incombustíveis, ou seja, que são à prova de fogo, são um meio que o governo encontrou para reinventar uma história que nunca existiu.

⁶ - Posso fazer uma pergunta? Há quanto tempo você trabalha como bombeiro?

- Desde os vinte anos. Dez anos atrás.

- Você nunca lê nenhum dos livros que queima?

Ele riu.

- Isso é contra a lei!

- Ah, é claro.

- É um trabalho ótimo. Segunda-feira, Millay; quarta-feira, Whitman; sexta-feira, Faulkner. Reduza os livros às cinzas e, depois, queime as cinzas. Este é o nosso slogan oficial.

Caminharam ainda mais um pouco e a garota disse:

- É verdade que antigamente os bombeiros *apagavam* incêndios em vez de começá-los?

- Não. As casas *sempre* foram à prova de fogo, pode acreditar no que eu digo.

- Estranho. Uma vez me disseram que, muito tempo atrás, as casas pegavam fogo por acidente e as pessoas precisavam dos bombeiros para *deter* as chamas (KNIPEL, 2012, p.26).

Quadro 3: Pensa rápido!***Fahrenheit 451* (2013)**

"You're changing the subject!"

"I sometimes think drivers don't know what grass is, or flowers, because they never see them slowly," she said. "If you showed a driver a green blur, Oh yes! he'd say, that's grass! A pink blur? That's a rose garden! White blurs are houses. Brown blurs are cows. My uncle drove slowly on a highway once. He drove forty miles an hour and they jailed him for two days. Isn't that funny, and sad, too?"

"You think too many things," said Montag, uneasily (BRADBURY, 2013, s.p.).⁷

Fonte: a autora

No quadro 3, Clarisse diz a Montag que as pessoas perderam a capacidade de admirar as coisas ao seu redor. Tudo deve ser rápido e imperceptível. A paixão pelos livros desperta a capacidade da garota em perceber coisas pequenas, que não eram observadas pelos outros personagens, que vivenciavam o progresso técnico como o fim único de suas existências e prazeres. Nesse caso, é possível perceber o poder da leitura não somente como algo libertador e político, mas como um meio de ver o mundo com outros olhos, mesmo que nesse mundo o simples ato de ler seja um crime.

A leitura, por conseguinte, possui grande significado na vida do ser humano. Clarisse em suas falas e ações representa o poder da leitura na formação de seres pensantes. Tal resistência demonstra que mesmo em uma sociedade em que livros são proibidos, na qual a velocidade da vida exigida pelas novas tecnologias não permite que os indivíduos parassem para pensar, imaginar e contemplar. A falha de tal imposição é que sempre haverá indivíduos que resistirão a qualquer forma de opressão que iniba a leitura. Clarisse, como Montag afirma, pensa muito, algo que é abominável para aquela sociedade.

⁷ — Você está mudando de assunto!

— Às vezes acho que os motoristas não sabem o que é grama, ou flores, porque nunca param para observá-las — disse ela. — Se a gente mostrar uma mancha verde a um motorista, ele dirá: Ah sim! Isso é grama! Uma mancha cor-de-rosa? É um roseiral! Manchas brancas são casas. Manchas marrons são vacas. Certa vez, titio ia devagar por uma rodovia. Ele estava a sessenta por hora e o prenderam por dois dias. Isso não é engraçado? E triste, também? — Você pensa demais — disse Montag, incomodado (KNIPEL, 2012, p.27).

Quadro 4: Eis a questão!***Fahrenheit 451* (2013)**

"How did it start? How did you get into it? How did you pick your work and how did you happen to think to take the job you have? You're not like the others. I've seen a few; I know. When I talk, you look at me. When I said something about the moon, you looked at the moon, last night. The others would never do that. The others would walk off and leave me talking. Or threaten me. No one has time any more for anyone else. You're one of the few who put up with me. That's why I think it's so strange you're a fireman, it just doesn't seem right for you, somehow" (BRADBURY,2013,s.p.).

8

Fonte: a autora

No quadro 4, há um diálogo entre a personagem Clarisse e o bombeiro Guy Montag. Ela curiosa, como sempre, o questiona quando ele começou seu trabalho e o porquê ele o escolheu. Diferentemente das outras pessoas da sociedade mecânica de *Fahrenheit 451* (2013), a menina tinha a sensibilidade de observar sutilezas por exemplo: como as pessoas se comportavam. É a partir disso, que ela percebe em Montag uma certa peculiaridade que não via nos outros bombeiros. Na perspectiva da personagem, era estranho o fato de ele exercer tal profissão porque ele observava as coisas ao seu redor. É possível compreender que os questionamentos e pensamentos de Clarisse são um ponto de partida que desestabilizou a vida mecânica do bombeiro.

Percebe-se aí a Literatura como um agente transformador que conforme a visão de Todorov: "[...] ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajuda a viver" (TODOROV,2021,p.76). Neste sentido, pode-se compreender a importância da Literatura como um meio de explorar a condição humana, bem como, as identidades que são construídas em um determinado contexto. Partindo da leitura, como um ato individual, e, portanto, solitário, Montag poderia simplesmente ignorar as ladainhas de Clarisse, ou na pior das hipóteses queimá-la. Neste cenário, a leitura é criminosa por simplesmente desencadear comportamentos e atitudes indesejáveis, como os de Clarisse, pois eles ferem os princípios de unidade e ordem que deveriam ser preservados a qualquer custo.

⁸ — Como é que começou? Como é que entrou nisso? Como escolheu esse trabalho? Como chegou a cogitar em assumir esse emprego? Você não é como os outros. Eu vi alguns; eu sei. Quando eu falo, você olha para mim. Ontem à noite, quando eu disse uma coisa sobre a lua, você olhou para a lua. Os outros nunca fariam isso. Os outros continuariam andando e me deixariam falando sozinha. Ou me ameaçariam. Ninguém tem mais tempo para ninguém. Você é um dos poucos que me toleram. É por isso que acho tão estranho você ser bombeiro. É que, de algum modo, não combina com você (KNIPEL, 2012, p.43).

No entanto, o bombeiro decidiu ouvir a jovem. Mais que isso, permitiu ser provocado pelos questionamentos dela. E é aí também que reside uma diferença entre a Literatura e a leitura que de acordo com Todorov:

O leitor comum, que continua a procurar nas obras que lê aquilo que pode dar sentido à sua vida, tem razão contra professores, críticos e escritores que lhe dizem que a literatura só fala de si mesma ou que apenas pode ensinar o desespero. Se esse leitor não tivesse razão, a leitura estaria condenada a desaparecer num curto prazo (TODOROV,2021,p.77).

Montag, ao queimar os livros automaticamente, só enxergava papéis sem vida sendo consumidos pelas chamas. Todavia, os livros ganharam vida e começaram a fazer sentido quando ele se deparou com uma leitora, um ser vivo pensante. O papel da leitura na obra é uma discussão bem mais profunda do que aparenta ser, Bradbury demonstra que, no objeto livro, as palavras nada mais são que símbolos fonéticos arbitrários, que por si só não se sustentam. Sendo assim, Clarisse foi o gatilho que Montag precisava para ter, não somente a curiosidade de ler, mais que isso, era o que ele precisava para compreender que livros precisam existir.

Quadro 5: Eles não sentem minha falta

Fahrenheit 451 (2013)

He felt at ease and comfortable. "Why aren't you in school? I see you every day wandering around." "Oh, they don't miss me," she said. "I'm antisocial, they say. I don't mix. It's so strange. I'm very social indeed. It all depends on what you mean by social, doesn't it? Social to me means talking to you about things like this." She rattled some chestnuts that had fallen off the tree in the front yard. "Or talking about how strange the world is. Being with people is nice. But I don't think it's social to get a bunch of people together and then not let them talk, do you? An hour of TV class, an hour of basketball or baseball or running, another hour of transcription history or painting pictures, and more sports, but do you know, we never ask questions, or at least most don't; they just run the answers at you, bing, bing, bing, and us sitting there for four more hours of film-teacher. That's not social to me at all. It's a lot of funnels and a lot of water poured down the spout and out the bottom, and them telling us it's wine when it's not (BRADBURY,2013,s.p.).⁹

Fonte: a autora

⁹Por que você não está na escola? Todo dia eu a vejo vagando por aí.

— Ah, eles não sentem a minha falta — disse ela. — Dizem que sou antissocial. Não me misturo. É estranho. Na verdade, eu sou muito social. Tudo depende do que você entende por social, não é? Social para mim significa conversar com você sobre coisas como esta. — Ela chocalhou algumas castanhas que haviam caído da árvore do jardim da frente. — Ou falar sobre quanto o mundo é estranho. É agradável estar com as pessoas. Mas não vejo o que há de social em juntar um grupo de pessoas e depois não deixá-las falar, você não acha? Uma hora de aula pela tevê, uma hora jogando basquete ou beisebol ou correndo, outra hora transcrevendo história ou pintando quadros e mais esportes, mas, sabe, nunca fazemos perguntas; pelo menos a maioria não faz; eles apenas passam as respostas para você, pim, pim, pim, e nós, sentados ali, assistindo a mais quatro horas de filmes educativos. Isso para mim não é nada social. Parece um monte de funis e muita água jorrando da torneira, entrando por um lado e saindo pelo outro, e depois eles vêm nos dizer que é vinho, quando não é (KNIPEL, 2012, p.49-50).

No quadro 5, Clarisse responde à pergunta de Montag sobre a razão pela qual ela não está na escola, e ela o responde que a sala de aula não sente a falta dela. De acordo com Zipes (2008, p. 7) *“Bradbury attacks the American educational system through Clarisse’s description of classes in school which are centered on mass media and sports and prevent critical discussion.”*¹⁰ Por meio da fala da menina, é possível perceber uma crítica do autor acerca da escola tradicional. No universo de *Fahrenheit 451* (2013), tem-se uma sociedade mecânica que prepara alunos não para serem inventivos e inquietos, mas para serem repetidores de ideias. As crianças reunidas em um ambiente robótico não falam, portanto não questionam. E, para ela, isso não é ser social. De acordo com Koch e Elias (2006, p.11) quando trata sobre a relação da leitura e do sujeito, vê-se que:

[...] o sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexista a essa interação. A leitura é pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

Baseado nisso, em termos extrínsecos, nota-se o papel de *Fahrenheit 451* (2013) com sua metalinguagem, em que o papel da leitura é um ato político, a relevância de ler sobre a leitura para que ela nunca se configure como uma ameaça. Intrinsecamente, a figura de Clarisse demonstra uma inquietação, ela observa que a sala de aula reproduz o que as autoridades desejam: seres vazios, que repetem conhecimentos inúteis, ou como ela mesma afirma que apenas repetem: *“bing, bing, bing”* (BRADBURY, 2013, s.p.). O funil jorrando água da torneira, como a personagem declara, nada mais é que o vácuo literário deixado pela proibição da leitura. No contexto do romance, o tempo assistindo tevê ou filmes educativos não mobilizam saberes, assim como a leitura para fins utilitaristas.

¹⁰ Bradbury provoca o sistema educacional Americano através da descrição de Clarisse das salas de aula, na qual está centralizada nos meios de comunicação de massa e esportes e evita discussões críticas (ZIPES, 2008, p.7, tradução nossa).

Quadro 6: Um vazio***Fahrenheit 451* (2013)**

And, then, Clarisse was gone. He didn't know what there was about the afternoon, but it was not seeing her somewhere in the world. The lawn was empty, the trees empty, the street empty, and while at first he did not even know he missed her or was even looking for her, the fact was that by the time he reached the subway, there were vague stirrings of dis-ease in him. Something was the matter, his routine had been disturbed. A simple routine, true, established in a short few days, and yet . . . ? He almost turned back to make the walk again, to give her time to appear. He was certain if he tried the same route, everything would work out fine. But it was late, and the arrival of his train put a stop to his plan (BRADBURY, 2013, s.p.).¹¹

Fonte: a autora

O quadro 6 apresenta um momento em que Montag não viu mais Clarisse. O sumiço da garota, que desestabilizara a rotina dele teve um impacto, sem ela tudo parecia deslocado. O que parecia certo agora se tornou vazio, irrelevante.

Segundo Zipes (2008, p.6), *“the name Clarisse suggests light, clarity, and illumination, and Montag must be enlightened. His own ability to discuss, see, feel, and hear has been muted.”* ¹²Nessa perspectiva, Clarisse é a responsável por iluminar Montag, sua sensibilidade ativou algo que se perdeu, o que conforme Zipes, a capacidade de ver, sentir e ouvir. É a partir do contato com Clarisse que o bombeiro foi gradualmente saindo da inércia, do entorpecimento intelectual na qual vivia. Um ponto relevante mencionado por Zipes (2008, p.9) a respeito da ameaça a intelectualidade na obra, é que nos Estados Unidos há um movimento anti-intelectual, que é representado por essa sociedade que despreza a leitura.

A respeito da leitura, Freire (2003, s.p.) afirma que: “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”. É possível perceber que em uma sociedade na qual a leitura é proibida, pouco se pensa o contexto, este sendo apenas vivido roboticamente, não tem espaço para se preocupar com coisas abstratas como a leitura.

¹¹ E então, Clarisse desapareceu. Ele não sabia o que havia com a tarde, mas foi o fato de não vê-la em parte alguma do mundo. O gramado estava vazio, as árvores vazias, a rua vazia, e ainda que a princípio nem mesmo soubesse que sentia sua falta ou até que a estava procurando, o fato é que, no momento em que entrou no metrô, sentiu crescer um vago surto de mal-estar. Uma coisa estava acontecendo: sua rotina fora transtornada. Uma rotina simples, é verdade, estabelecida em poucos dias e, no entanto... Ele quase voltou atrás para fazer o percurso novamente, dar tempo para que ela aparecesse. Ele estava certo de que se tentasse o mesmo trajeto, tudo ficaria bem. Mas já estava atrasado e a chegada de seu trem interrompeu seu plano (KNIPEL,2012,p.52).

¹² O nome Clarisse sugere luz, clareza e iluminação, e Montag precisa ser iluminado. A sua habilidade de discutir, ver, sentir,e ouvir foi silenciada (ZIPES,2008,p.6,**tradução nossa**).

A leitura perdeu seu papel primeiro, literalmente, quando o estado começou a queima de livros. Segundo, quando eles passaram a serem exterminados da memória das pessoas. Clarisse, como tantos outros, via, sentia e escutava. Posteriormente, por conta dela, Montag passou a ver, sentir e escutar.

Quadro 7: A torre de Babel

Fahrenheit 451 (2013)

"Come on, woman!"

The woman knelt among the books, touching the drenched leather and cardboard, reading the gilt titles with her fingers while her eyes accused Montag.

"You can't ever have my books," she said.

"You know the law," said Beatty. "Where's your common sense? None of those books agree with each other. You've been locked up here for years with a regular damned Tower of Babel. Snap out of it! The people in those books never lived. [...] The sight of it rushed the men out and down away from the house. Captain Beatty, keeping his dignity, backed slowly through the front door, his pink face burnt and shiny from a thousand fires and night excitements. God, thought Montag, how true! Always at night the alarm comes. Never by day! Is it because fire is prettier by night? More spectacle, a better show? The pink face of Beatty now showed the faintest panic in the door. The woman's hand twitched on the single matchstick. The fumes of kerosene bloomed up about her. Montag felt the hidden book pound like a heart against his chest. "Go on," said the woman, and Montag felt himself back away and away out the door, after Beatty, down the steps, across the lawn, where the path of kerosene lay like the track of some evil snail.

On the front porch where she had come to weigh them quietly with her eyes, her quietness a condemnation, the woman stood motionless. Beatty flicked his fingers to spark the kerosene. He was too late. Montag gasped. The woman on the porch reached out with contempt to them all, and struck the kitchen match against the railing. People ran out of houses all down the street (BRADBURY, 2013, s.p.)¹³

Fonte: a autora

O quadro 7 apresenta um momento crucial para a mudança do personagem Montag. Ele e Beatty, seu colega de trabalho, vão à casa de uma senhora que tinha uma biblioteca em casa. Fiel, aos livros a ponto de morrer por eles, a senhora afirma que eles,

13

— Vamos, mulher!

A mulher se ajoelhou entre os livros, tocando o couro e o papelão encharcados, lendo com os dedos os títulos dourados enquanto seus olhos acusavam Montag.

— Você jamais terá os meus livros — disse ela.

— Você conhece a lei — disse Beatty. — Onde está seu bom senso? Não há o menor acordo entre esses livros. Você ficou trancada aqui durante anos com essa malfadada Torre de Babel. Saia dessa situação! As pessoas nesses livros nunca existiram. Agora vamos! [...] À vista dele os homens se precipitaram a sair e se afastar para longe da casa. O capitão Beatty, mantendo a dignidade, recuou lentamente pela porta da frente, o rosto corado, queimado e reluzente após mil incêndios e emoções noturnas. Meu Deus, pensou Montag, é isso mesmo! O alarme sempre chega à noite. Nunca de dia! Será porque à noite o fogo é mais bonito? Mais espetacular, um programa melhor? A face rosada de Beatty à porta agora traía um princípio de pânico. A mulher girava nos dedos o palito de fósforo. Os vapores de querosene exalavam ao seu redor. Montag sentiu o livro escondido pulsar como um coração contra seu peito. — Vá — disse a mulher, e Montag se sentiu recuando cada vez mais para fora da porta, depois de Beatty, descendo os degraus, atravessando o gramado onde o rastro de querosene se estendia como a baba de uma lesma maligna. Na varanda da frente, para onde viera avaliá-los calmamente com os olhos, a mulher parou imóvel; sua impassividade, uma condenação. Beatty estalou o acendedor para atear fogo ao querosene. Ele estava muito atrasado. Montag sufocou um grito. A mulher na varanda estendeu a mão com desdém por todos eles e riscou o fósforo na balastrada.

Ao longo da rua, as pessoas saíam correndo das casas (KNIPEL, 2012, p.59-61).

os bombeiros, jamais terão os livros dela. É oportuno observar, quando Beatty pergunta onde está o bom senso dela - pois de acordo com ele as pessoas dos livros nunca existiram. Ao longo da narrativa, ele continuamente repete essa mesma questão, que parece legitimar ou talvez convencer a si mesmo que esse é um motivo mais que plausível para a queima de livros.

Beatty tem bastante conhecimento acerca de Literatura, algo que mais tarde será revelado à Montag. A mulher se sacrificou por aquilo que acreditava, pelas palavras escritas, pelas ideias contidas nos livros. Isso retoma a questão discutida por Zipes (2008) sobre o herói da narrativa não ser Montag, mas a Literatura. Candido (1989) afirma que a leitura possui um grande papel social na vida das pessoas, o fato de a mulher queimar junto aos seus livros demonstra o papel da leitura como um ato de resistência, e porque não um ato de amor.

Quadro 8: Mulher em chamas

Fahrenheit 451 (2013)

"You're not sick," said Mildred.

Montag fell back in bed. He reached under his pillow. The hidden book was still there.

"Mildred, how would it be if, well, maybe I quit my job awhile?"

"You want to give up everything? After all these years of working, because, one night, some woman and her books—"

"You should have seen her, Millie!"

"She's nothing to me; she shouldn't have had books. It was her responsibility, she should've thought of that. I hate her. She's got you going and next thing you know we'll be out, no house, no job, nothing."

"You weren't there, you didn't see," he said. "There must be something in books, things we can't imagine, to make a woman stay in a burning house; there must be something there. You don't stay for nothing."

"She was simple-minded" (BRADBURY, 2013, s.p.).¹⁴

Fonte: a autora

No quadro 8, Montag tem uma breve discussão com sua esposa Mildred. O personagem é afetado, consideravelmente, após a morte da mulher cuja a biblioteca ele incinerou. Além disso, o bombeiro tinha alguns livros escondidos em

¹⁴— Você não está doente — disse Mildred.

Montag tornou a deitar-se de costas na cama. Enfiou a mão sob o travesseiro. O livro escondido ainda estava ali.

— Mildred, o que você diria se, bem, quem sabe, eu deixasse meu emprego por algum tempo?

— Você quer abandonar tudo? Depois de todos esses anos de trabalho, só porque, numa noite, uma mulher e seus livros...

— Se você a tivesse visto, Millie!

— Para mim, ela não é nada; ela não deveria ter livros. A responsabilidade era dela, ela devia ter pensado nisso. Eu a odeio. Ela o deixou perturbado, e se você continuar assim vamos ficar na rua da amargura, sem casa, sem trabalho, sem nada.

— Você não estava lá, você não viu — disse ele. — Deve haver alguma coisa nos livros, coisas que não podemos imaginar, para levar uma mulher a ficar numa casa em chamas; tem de haver alguma coisa. Ninguém se mata assim a troco de nada.

— Ela era fraca da ideia (KNIPEL, 2012, p.73).

casa. O bombeiro ficara intrigado pelo sacrifício da mulher em prol de folhas e letras. Nunca antes sentira tal sentimento, e tudo começara com a menina Clarisse. Sendo assim, na visão de Candido (1989) a literatura nas sociedades modernas tem sido um poderoso meio de educação e instrução. A Literatura é formada de dualidades, ela nega e confirma, por exemplo. Nas palavras de Candido (1989, p.178):

A respeito destes dois lados da literatura, convém lembrar que ela não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração. Isto significa que ela tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. Por isso, nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco.

É possível observar a mudança de comportamento do personagem Montag ao recusar ir ao trabalho. O que parecia ser rotineiro e desprovido de significado se transfigurou em uma recusa de servir ao sistema. Essa mudança de comportamento foi causada acima de tudo pela menina Clarisse, que com sua maneira peculiar de ver as coisas, despertou no bombeiro inquietações quanto ao seu papel naquela sociedade.

Esse trecho do livro *Fahrenheit 451* (2013), demonstra um dos principais motivos de uma sociedade que teme os livros, pois como, Candido afirma, eles não são inofensivos. Ao contrário, ideias embutidas em folhas de papel, pode causar mais que uma recusa a servir o governo, em maior grau, pode desconstruir certos princípios impostos pela moral ou as convenções sociais.

No protagonista, há mais que uma inquietação em compreender o porquê alguém morreria por livros, é o que há naqueles objetos que faria alguém morrer por eles. E esse é o ponto de partida que aguçará a curiosidade de Montag, até ele ser considerado um criminoso pelo simples fato de ler. Enquanto Literatura, os livros eram uma ameaça perigosa para ele. E quando a Literatura se tornou leitura, ou seja, uma experiência cognitiva, moral e psíquica, Montag se tornou um fator de risco e perturbação. Primeiro porque vai burlar as leis daquela sociedade. E segundo, porque vai transformar o modo como ele enxerga o mundo. Pelos livros, pela prazerosa e inquietante leitura, ele será capaz de tudo, até mesmo morrer.

Quadro 9: Quando tudo começou***Fahrenheit 451 (2013)***

"When did it all start, you ask, this job of ours, how did it come about, where, when? Well, I'd say it really got started around about a thing called the Civil War. Even though our rule book claims it was founded earlier. The fact is we didn't get along well until photography came into its own. Then—motion pictures in the early twentieth century. Radio. Television. Things began to have mass."
Montag sat in bed, not moving.
"And because they had mass, they became simpler," said Beatty. "Once, books appealed to a few people, here, there, everywhere. They could afford to be different. The world was roomy. But then the world got full of eyes and elbows and mouths. Double, triple, quadruple population. Films and radios, magazines, books leveled down to a sort of paste pudding norm, do you follow me?"
 (BRADBURY,2013,s.p.).¹⁵

Fonte: a autora

O extrato 9 apresenta a fala do personagem Beatty que explica o motivo pelo qual tudo começou, o porquê da queima de livros. Um dos parâmetros fundamentais para uma sociedade autoritária perdurar é recriar o passado, incrementando mentiras que justifiquem a situação presente. Montag, procurando compreender o que levou a situação atual, teve como resposta de Beatty que a vida se tornou mais dinâmica com os novos meios de comunicação. Tudo se tornou rápido e simples. Em consequência disso, os livros foram se tornando desinteressantes, pois aparentemente, não conseguiriam acompanhar a rapidez das novas engenhocas tecnológicas.

De acordo com Weller (2010,s.p), sobre a escrita de Bradbury: *"He writes about the future with an eye squarely on the past"*¹⁶. Obviamente, como muitos escritores de Ficção Científica, ao explorar o futuro, muitas vezes, é preciso recorrer ao passado e ao presente. A partir daí, pode-se compreender os medos, as inquietações do próprio Bradbury, que talvez, temendo as rápidas mudanças proporcionadas pela ciência, temia que o progresso corrompesse ou até mesmo aniquilasse outras atividades vitais para o

¹⁵ — Você pergunta: quando tudo começou, esse nosso trabalho, como surgiu, onde, quando? Bem, eu diria que ele realmente começou por volta de uma coisa chamada Guerra Civil, embora nosso livro de regras afirme que foi mais cedo. O fato é que não tivemos muito papel a desempenhar até a fotografia chegar à maioridade. Depois, veio o cinema, no início do século vinte. O rádio. A televisão. As coisas começaram a possuir *massa*. Montag continuou sentado na cama, sem se mexer (KNIPEL, 2012,p.77).

— E porque tinham massa, ficaram mais simples — disse Beatty. — Antigamente, os livros atraíam algumas pessoas, aqui, ali, por toda parte. Elas podiam se dar ao luxo de ser diferentes. O mundo era espaçoso. Entretanto, o mundo se encheu de olhos e cotovelos e bocas. A população duplicou, triplicou, quadruplicou. O cinema e o rádio, as revistas e os livros, tudo isso foi nivelado por baixo, está me acompanhando?

¹⁶ Ele escreve sobre o futuro, mas com o pé fincado no passado (WELLER,2010,s.p).

ser humano: como a leitura. No entanto, essa mais viva do que nunca, não só faz parte desse mundo tecnológico, como revolucionou novos moldes de consumir Literatura, por exemplo o *Kindle*, um dispositivo que pode armazenar milhares de livros.

Apesar disso, a obra *Fahrenheit 451* (2013), de alguma forma, ainda se faz presente. Mesmo que uma grande massa da população tenha acesso a leitura, ela por vezes não consegue ser tão interessante como outros dispositivos, pois não é rápida como aplicativos de vídeos curtos, como o *Tik Tok* ou o *Kwai*. É importante salientar, outra contradição, pois esses mesmos aplicativos permitem que outros leitores se conectem e troquem experiência literárias.

Quadro 10: Tenha, more, gaste e viva¹⁷

<i>Fahrenheit 451</i> (2013)
<p><i>"Speed up the film, Montag, quick. Click, Pic, Look, Eye, Now, Flick, Here, There, Swift, Pace, Up, Down, In, Out, Why, How, Who, What, Where, Eh? Uh! Bang! Smack! Wallop, Bing, Bong, Boom! Digest-digests, digest-digest-digests.</i></p> <p><i>Politics? One column, two sentences, a headline! Then, in mid-air, all vanishes!</i></p> <p><i>Whirl man's mind around about so fast under the pumping hands of publishers, exploiters, broadcasters that the centrifuge flings off all unnecessary, time-wasting thought!"</i></p> <p>(BRADBURY,2013,s.p.).¹⁸</p>

Fonte: a autora

No quadro 10, a fala de Beatty retrata com precisão a sociedade em que vivia. A repetição de palavras e onomatopeias parece esboçar perfeitamente os objetivos da Salamandra, que era manter a ordem com a queima de livros. Como Freire (2001,p.261) afirma sobre a leitura "Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante." Tomando como ponto de partida o pensamento de Freire, observa-se em *Fahrenheit 451* (2013) que o papel da leitura é indesejável não só pelo fato de levar o ser humano a questionar as problemáticas ao seu redor.

Ela, por ser lenta, solitária, e considerada uma perda de tempo, dificultava o processo em manter a sociedade com uma identidade homogênea, ou seja, que tenha

¹⁷ Referência à música da cantora brasileira Pitty "Admirável chip novo", lançada em 2003. A música foi escrita por Priscilla Novaes Leone.

¹⁸ — Acelere o filme, Montag, rápido. *Clique, Fotografe, Olhe, Observe, Filme, Aqui, Ali, Depressa, Passe, Suba, Desça, Entre, Saia, Por Quê, Como, Quem, O Quê, Onde, Hein? Ui! Bum! Tchan! Póin, Pim, Pam, Pum!* Resumos de resumos, resumos de resumos, de resumos. Política? Uma coluna, duas frases, uma manchete! Depois, no ar, tudo se dissolve! A mente humana entra em turbilhão sob as mãos dos editores, exploradores, locutores de rádio, tão depressa que a centrífuga joga fora todo pensamento desnecessário, desperdiçador de tempo! (KNIPEL, 2012,p.78).

pavor de livros, que apoie o governo sem resistência, e que se entretenha com os grandes televisores e a família fictícia embutidas neles. Os televisores, portanto, não sendo exigentes e desafiadores como a leitura de um livro, seja literário, teórico, jornalístico, teológico, etc., é um suporte para a manutenção do papel dos bombeiros. Na narrativa, os bombeiros são o meio mais eficaz para banir os livros de vez, o que mesmo assim, é uma missão impossível.

Quadro 11: Só queime!

***Fahrenheit 451* (2013)**

“Colored people don’t like Little Black Sambo. Burn it. White people don’t feel good about Uncle Tom’s Cabin. Burn it. Someone’s written a book on tobacco and cancer of the lungs? The cigarette people are weeping? Burn the book. Serenity, Montag. Peace, Montag. Take your fight outside. Better yet, into the incinerator. Funerals are unhappy and pagan? Eliminate them, too. Five minutes after a person is dead he’s on his way to the Big Flue, the Incinerators serviced by helicopters all over the country. Ten minutes after death a man’s a speck of black dust. Let’s not quibble over individuals with memoriams. Forget them. Burn all, burn everything. Fire is bright and fire is clean” (BRADBURY,2013,s.p.).¹⁹

Fonte: a autora

No quadro 11, tem-se um extrato em que Beatty mais uma vez reafirma, mesmo sem intenção, o impacto e poder social da leitura nos indivíduos. A leitura, também é um processo individual e solitário, ao mesmo tempo que, ela pode despertar no coletivo inquietações acerca das injustiças de um determinado contexto histórico. Candido (1989, p. 113) afirma: “[...] os valores que a sociedade preconiza, ou os que consideram prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática[...].” Sobre as questões que a sociedade preconiza nas manifestações artísticas conforme a visão de Candido, um aspecto relevante sobre a ausência de textos literários no mundo de *Fahrenheit 451* (2013)

é eliminar, ou melhor, incinerar o que venha gerar conflitos entre as pessoas de diferentes raças, etnias, religiões, posicionamento político.

¹⁹ — Os negros não gostam de Little Black Sambo. Queime-o. Os brancos não se sentem bem em relação à Cabana do pai Tomás. Queime-o. Alguém escreveu um livro sobre o fumo e o câncer de pulmão? As pessoas que fumam lamentam? Queimemos o livro. Serenidade, Montag. Paz, Montag. Leve sua briga lá para fora. Melhor ainda, para o incinerador. Os enterros são tristes e pagãos? Elimine-os também. Cinco minutos depois que uma pessoa morreu, ela está a caminho do Grande Crematório, os incineradores atendidos por helicópteros em todo o país. Dez minutos depois da morte, um homem é um grão de poeira negra. Não vamos ficar arengando os *in memoriam* para os indivíduos. Esqueça-os. Queime tudo, queime tudo. O fogo é luminoso e o fogo é limpo (KNIPEL,2012,p.83).

De acordo com Beatty, os livros são prejudiciais pois, muitas vezes, discutem ideias que desestabilizam a ordem, algo que é fundamental para a manutenção da Salamandra. Se a leitura tem o poder de elevar os indivíduos, ela também pode causar o caos, e fazer com que pessoas se rebelem. Beatty, assim como os outros bombeiros, mesmo sem pretensão, fomentam o prazer da leitura, ao protagoniza-la como a vilã da história.

Quadro 12: Nada além de livros

Fahrenheit 451 (2013)

“One last thing,” said Beatty. “At least once in his career, every fireman gets an itch. What do the books say, he wonders. Oh, to scratch that itch, eh? Well, Montag, take my word for it, I’ve had to read a few in my time, to know what I was about, and the books say nothing! Nothing you can teach or believe. They’re about nonexistent people, figments of imagination, if they’re fiction. And if they’re nonfiction, it’s worse, one professor calling another an idiot, one philosopher screaming down another’s gullet. All of them running about, putting out the stars and extinguishing the sun. You come away lost” (BRADBURY, 2013, s.p.).²⁰

Fonte: a autora

No quadro 12, o bombeiro Beatty apresenta argumentos com objetivo de inibir qualquer desejo literário de Montag. A fim de convencer Guy a não embarcar em nenhum mundo ficcional, Beatty enfatiza que nos livros há apenas pessoas que não existem, coisas da imaginação humana. O que de alguma forma, não é tão diferente dos televisores, que criam uma vida fictícia com os seus entusiastas, como é o caso de Mildred, a mulher de Montag.

Segundo Todorov (2010, p.76) “a literatura pode muito”. Contudo, Beatty a reduz a inverdades escritas pela imaginação humana, assim como, uma eterna discordância entre diferentes teóricos. Mas é só por meio da leitura, que certas façanhas podem ser concretizadas. O livro dialoga com o leitor, e o leitor dialoga com o livro. E os textos são ressignificados a cada nova leitura, sendo, portanto, a criação de pessoas, objetos, lugares. São um meio de melhor compreender as mazelas, a condição humana, satirizar

²⁰ — Uma última coisa — disse Beatty. — Pelo menos uma vez na carreira, todo bombeiro sente uma coceira. O que será que os livros dizem, ele se pergunta. Aquela vontade de coçar aquele ponto, não é mesmo? Bem, Montag, pode acreditar, no meu tempo eu tive de ler alguns, para saber do que se tratava, e lhe digo: os livros não dizem nada! Nada que se possa ensinar ou em que se possa acreditar. Quando é ficção, é sobre pessoas inexistentes, invenções da imaginação. Caso contrário, é pior: um professor chamando outro de idiota, um filósofo gritando mais alto que seu adversário. Todos eles correndo, apagando as estrelas e extinguindo o sol. Você fica perdido (KNIPEL, 2012, p.85-86).

comportamentos, rever preceitos e preconceitos, denunciar as desigualdades sociais, construir novas realidades e proporcionar novas reflexões.

Quadro 13: Livros têm poros

Fahrenheit 451 (2013)

"You can't guarantee things like that! After all, when we had all the books we needed, we still insisted on finding the highest cliff to jump off. But we do need a breather. We do need knowledge. And perhaps in a thousand years we might pick smaller cliffs to jump off. The books are to remind us what asses and fools we are. They're Caesar's praetorian guard, whispering as the parade roars down the avenue, 'Remember, Caesar, thou art mortal.' Most of us can't rush around, talk to everyone, know all the cities of the world, we haven't time, money or that many friends. The things you're looking for, Montag, are in the world, but the only way the average chap will ever see ninety-nine percent of them is in a book. Don't ask for guarantees. And don't look to be saved in any one thing, person, machine, or library. Do your own bit of saving, and if you drown, at least die knowing you were headed for shore." (BRADBURY, 2013,s.p.).²¹

Fonte: a autora

No quadro 13, Montag escuta o personagem Faber, um professor de inglês aposentado, que o bombeiro acaba conhecendo. Neste contexto, eles conversam sobre a qualidade e a importância dos livros para a vida do ser humano. Ele explica a Montag que os livros são temidos porque eles têm poros. Faber é enfático ao afirmar que o conhecimento é necessário, os livros conseguem lembrar o quanto as pessoas são tolas e que se arriscar por eles vale à pena. É possível notar que o personagem tem um vasto conhecimento literário.

Como o próprio Bradbury afirma em sua entrevista para Weller: *"You can change a book in your mind (WELLER,2010,s.p.)"*²² Sendo assim, ao ler um livro, cada narrativa é transformada e recriada pela mente do leitor, o que dialoga com o pensamento de Freire acerca da leitura do mundo, e a leitura crítica. Se o livro é uma fonte de aprendizado, amadurecimento e troca de ideias, ir contra um sistema que proíbe a leitura, é parte da

²¹ — Não se pode garantir coisas como essas! Afinal de contas, quando tivéssemos todos os livros de que precisaríamos, ainda teríamos de encontrar o precipício mais alto de onde nos atirar. Mas o fato é que precisamos de uma pausa para tomar fôlego. Precisamos de conhecimento. E talvez em mil anos possamos escolher precipícios menores de onde saltar. Os livros servem para nos lembrar quanto somos estúpidos e tolos. São o guarda pretoriano de César, cochichando enquanto o desfile ruge pela avenida: "Lembre-se, César, tu és mortal". A maioria de nós não pode sair correndo por aí, falar com todo mundo, conhecer todas as cidades do mundo. Não temos tempo, dinheiro ou tantos amigos assim. As coisas que você está procurando, Montag, estão no mundo, mas a única possibilidade que o sujeito comum terá de ver noventa e nove por cento delas está num livro. Não peça garantias. E não espere ser salvo por uma coisa, uma pessoa, máquina ou biblioteca. Trate de agarrar a sua própria tábua e, se você se afogar, pelo menos morra sabendo que estava no rumo da costa (KNIPEL,2012,p.111).

²² Você pode transformar um livro em sua mente (WELLER,2010, s.p. **tradução nossa**).

curiosidade humana em procurar perguntas, principalmente, em uma sociedade em que respostas são tudo o que as pessoas recebem.

Quadro 14: Montag anda sobre as águas

Fahrenheit 451 (2013)

"Was it my wife turned in the alarm?"

Beatty nodded. "But her friends turned in an alarm earlier, that I let ride. One way or the other, you'd have got it. It was pretty silly, quoting poetry around free and easy like that. It was the act of a silly damn snob. Give a man a few lines of verse and he thinks he's the Lord of all Creation. You think you can walk on water with your books. Well, the world can get by just fine without them (BRADBURY, 2013,s.p.).²³

Fonte: a autora

No quadro 14, apresenta um momento após Montag ler um poema para Mildred e suas vizinhas. Ele estava tentando mostrar a elas que não havia perigo nos livros. No entanto, as amigas de Mildred, que estavam com ela no contexto, acionaram o alarme para os bombeiros. Acontece que ao declamar um poema, uma das amigas de Mildred começou a chorar, o que as irritou ainda mais. Logo depois, Guy pergunta à Beatty quem acionou o alarme e ele apenas balançou a cabeça. Beatty critica a ousadia do bombeiro, debochando de suas ações, fazendo uma relação entre ler e andar sobre as águas, tal como Cristo o fez. A atitude subversiva de Montag ao tentar ler poesia para outras pessoas, demonstra a evolução do personagem durante a narrativa. Ele se torna um leitor, que busca despertar o interesse pelas palavras nas outras pessoas. Uma tarefa árdua, ainda mais em uma sociedade que aprendeu a temer os livros.

²³ — Foi minha mulher quem acionou o alarme?

Beatty assentiu com a cabeça.

— Mas as amigas dela deram um alarme anterior, que deixei passar. De um modo ou de outro, você receberia o seu. Foi muito estúpido ficar abertamente citando poesia daquele jeito. Foi um gesto estúpido e esnobe. Basta que um homem conheça alguns versos e ele já se acha o Senhor da Criação. Você se julga capaz de andar sobre as águas com seus livros. Ora, o mundo pode muito bem passar sem eles (KNIPEL,2012,p.147-148).

Quadro 15: Seremos os livros***Fahrenheit 451 (2013)***

"Don't try. It'll come when we need it. All of us have photographic memories, but spend a lifetime learning how to block off the things that are really in there. Simmons here has worked on it for twenty years and now we've got the method down to where we can recall anything that's been read once. Would you like, some day, Montag, to read Plato's Republic?"

"Of course!"

"I am Plato's Republic. Like to read Marcus Aurelius? Mr. Simmons is Marcus"

(BRADBURY, 2013, s.p.).²⁴

Fonte: a autora

O quadro 15 apresenta o momento em que Faber apresenta para Montag seus amigos, andarilhos fugitivos que memorizam os livros. Cada pessoa se torna um livro de um determinado autor. Bradbury demonstra mais uma vez a importância da memória para a preservação dos livros. As ideias escritas, como mencionado anteriormente, são queimadas junto aos livros. No entanto, às vezes é preciso retroceder para que o futuro seja garantido. Os intelectuais, que outrora, foram professores universitários, etc, aderiram a um método anterior à escrita, a memorização dos conhecimentos produzidos pela humanidade. Tal técnica se torna uma ameaça para uma sociedade que equivocadamente achava que queimar os livros seria algo definitivo e irreversível.

²⁴ — Não tente. Ela virá quando precisarmos dela. Todos nós possuímos memória fotográfica, mas passamos a vida aprendendo a bloquear as coisas que estão realmente lá dentro. Simmons trabalhou nisso durante vinte anos e agora dispomos de um método pelo qual podemos evocar tudo o que já tenhamos lido. Montag, algum dia você gostaria de ler a República de Platão?

— Claro!

— Eu sou a República de Platão. Gostaria de ler Marco Aurélio? O senhor Simmons é Marco Aurélio (KNPEL, 2012, p. 184).

Quadro 16: O capítulo final

***Fahrenheit 451* (2013)**

"How many of you are there?"

"Thousands on the roads, the abandoned railtracks, tonight, bums on the outside, libraries inside. It wasn't planned, at first. Each man had a book he wanted to remember, and did. Then, over a period of twenty years or so, we met each other, traveling, and got the loose network together and set out a plan. The most important single thing we had to pound into ourselves is that we were not important, we mustn't be pedants; we were not to feel superior to anyone else in the world. We're nothing more than dust jackets for books, of no significance otherwise. Some of us live in small towns. Chapter One of Thoreau's Walden in Green River, Chapter Two in Willow Farm, Maine (BRADBURY,2013,s.p.).²⁵

Fonte: a autora

No quadro 16, Montag pergunta a Faber quantos memorizadores de livros existem em *How Many of you are there?* (BRADBURY,2013,s.p.)²⁶ e ele responde que há vários. Isso acontece um pouco antes do bombardeio que dará um fim àquela sociedade, que por vários motivos tentaram destruir uma das mais formidáveis criações humanas: a Literatura. Os leitores marginalizados tentavam sobreviver, em meio as ameaças do governo. Em sua trama, Bradbury reforça que apesar de estar em constante ameaça, a Literatura sobrevive por meio de leitores vorazes.

Mas como, Faber afirma, leitores não são seres superiores, no entanto eles são fundamentais para a construção de novos saberes, de novos significados. O impacto da menina Clarisse foi o primeiro passo para que Montag lutasse pelos livros até a morte. A leitora que foi consumida pelo fogo. Em seguida, o personagem Beatty, ao tentar inibir a curiosidade de Guy, acaba por endossar o amor pela leitura no protagonista. Por fim, Faber apresenta a resistência e a memória, ele foi necessário para que Montag percebesse a alienação em que vivia. O bombeiro começou a lutar pelos livros que outrora queimava.

²⁵ — Quantos de vocês existem?

— Milhares nas estradas, nos trilhos abandonados, hoje à noite, vagabundos por fora, bibliotecas por dentro. A princípio, nada foi planejado. Cada homem tinha um livro de que desejava se lembrar e se lembrou. Depois, durante um período de cerca de vinte anos, fomos nos encontrando, em viagens, e passamos a estreitar a rede frouxa e a definir um plano. A coisa mais importante que tínhamos de incutir em nós mesmos foi que não éramos importantes, não devíamos ser pedantes; não devíamos nos sentir superiores a ninguém mais no mundo. Não somos nada além de capas empoeiradas de livros, sem nenhuma outra importância. Alguns de nós vivem em pequenas cidades. O capítulo um de Walden, de Thoreau, em Green River, o capítulo dois em Willow Farm, no Maine (KNIPEL,2012,p.186).

²⁶ Quantos de vocês há por aí? (BRADBURY,2013,s.p., **tradução nossa**).

A seção seguinte apresenta as considerações finais acerca dos achados da pesquisa, reapresentando as hipóteses e informando se elas foram confirmadas ou não, bem como as justificativas para cada situação encontrada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve, como objetivo geral, analisar a representação da leitura como forma de poder na obra *Fahrenheit 451* (2013). Através da leitura crítica da obra constatou-se o poder da leitura, por meio da mudança no bombeiro Montag que ao longo da narrativa permitiu-se a mudança. O bombeiro saiu de um estado de alienação mecânica para um nível de subversividade, em que ele arriscou a própria vida e o emprego em prol da curiosidade e da experiência introspectiva proporcionada pela leitura.

Em seguida, conforme o andamento da investigação, confirmou-se a primeira hipótese que afirma que a leitura é apresentada como um ato político, que foi observado na recusa de Montag em ir ao trabalho e continuar servindo o sistema. O bombeiro não se deixou abater pelo discurso de Beatty que livros são prejudiciais e divide as pessoas. Ao contrário, ele burlou o sistema ao ser guiado pela curiosidade endossada por Clarisse e Faber durante os diálogos com o bombeiro.

A segunda hipótese, em que o livro apresenta a leitura como uma forma de poder que é imprescindível para que as pessoas não sucumbam à alienação como ocorreu na sociedade autoritária de *Fahrenheit 451* (2013) também se confirma, visto que, mesmo com toda a opressão algumas pessoas não deixaram de cultivar a experiência introspectiva que a leitura proporciona. No entanto, a resistência é composta por uma pequena minoria, como Clarisse, Faber e os memorizadores de livros e a senhora que morreu queimada junto aos seus livros. Montag, é o principal exemplo, se outrora para ele era um prazer queimar os livros, conforme a evolução do personagem na narrativa, e as experiências que ele tem, ele passa a ver o mundo com outros olhos, e ao conhecer o poder das palavras, ele compreendeu que os livros precisam existir.

A terceira hipótese, percebendo o poder da leitura, os indivíduos tomaram o poder de sua consciência se confirma em parte, visto que, nem todos se tornaram conscientes da condição manipuladora em que viviam. Mildred, a mulher de Montag, não consegue compreender o novo fascínio de Montag: a literatura. Ela, por sua vez, se encaixa perfeitamente naquele sistema e despreza tudo relacionado a livros.

Fahrenheit 451 (2013) é uma obra cheia de camadas, que ainda diz muito sobre as pessoas e as controvérsias políticas, sociais, e educacionais que marcam as sociedades atuais. Ray Bradbury tinha um olhar crítico e aguçado a respeito da Literatura e as artes em geral, sobretudo, quando estas manifestações são postas em risco.

Como afirma Todorov: a literatura é poderosa sendo, portanto, capaz de desestabilizar o que se considera imutável e inquestionável. Sendo assim, a pesquisa partiu do pressuposto de como a leitura é representada na obra, ao discutir o impacto das palavras na vida do indivíduo. A partir disso, espera-se contribuir para a fortuna crítica da obra, bem como apresentar novas nuances sobre o ato de ler livros, por conseguinte, o ato de ler o mundo.

Em síntese, a análise objetivou contribuir para os estudos de Literatura e suas diversas vertentes, bem como contribuir com novas perspectivas acerca da leitura, principalmente, quando esta é ameaçada. É relevante enfatizar que a pesquisa está aberta a novas considerações, e as ideias propostas nela não é um ponto final.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. M. Gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. *E-book*

BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. Trad.: Cid Knipel. São Paulo: Biblioteca Azul, 2012.

BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. New York: Simon & Schuster, 2013. *E-book*

CANDIDO, Antonio. **Direitos Humanos e Literatura**. IN: FESTER. A.C. Ribeiro e outros. Direitos Humanos e Literatura. São Paulo: Brasiliense, 1989. *E-book*

CLUTE, J; NICHOLLS, P. **The Encyclopedia of Science Fiction**. New York: St. Martin's Press, 1995. *E-book*.

_____. **Direitos humanos e literatura**. In.: FESTER, A. C. Ribeiro e outros. São Paulo: Brasiliense, 1989. *E-book*

_____. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004. *E-book*

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. *E-book*

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. *E-book*

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2001. *E-book*

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 44. ed. São Paulo: Cortez, 2003. *E-book*

KLEIMAN, A. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 1997. *E-book*

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Editora Contexto, 2006. *E-book*

LACAPRA, Dominick. **History and Criticism**. Ithaca: Cornell University Press, 1985. *E-book*

SILVA, Paulo Cesar Garré. Educação, leitura e transformação sociocultural. **VIII Jornada Internacional Políticas Públicas**. 2017, Maranhão, [São Luís]. Programa de pós-

graduação em Políticas Públicas, Centro de Ciências Humanas - Universidade Federal do Maranhão, 2017. *E-book*

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. 13ª. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2021.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (2011). **Da infância à ciência: língua e literatura**. Revista na Ponta do Lápis, ano VII, n. 16, p. 22-23. *E-book*

WELLER, Sam. **Listen to the Echoes: The Ray Bradbury Interviews**. Melville House Publishing: New York, 2010. *E-book*

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Editora Ática, 1989. *E-book*

ZIPES, Jack. Mass Degradation of Humanity and Massive Contradictions in Bradbury's Vision of America in *Fahrenheit 451*. In: BLOOM, Harold. (org.). **Ray Bradbury's Fahrenheit 451: Bloom's Modern Critical Interpretations**. New York: Infobase Publishing, 2008, 3-18. *E-book*